

corrupção mortal

j. d. robb

Tradução de Idalina Morgado

*Não existe o que quer que seja na natureza humana
que seja visto como uma resolução completa e permanente,
a não ser no preciso momento da execução.*

NATHANIEL HAWTHORNE



Acalentando a sua ira, para a manter tépida.

ROBERT BURNS

CAPÍTULO

1



Um idoso jazia morto sobre um monte de barras de chocolate e pastilhas elásticas. Tubos quebrados de refrigerantes, bebidas energéticas, bebidas desportivas derramavam-se em rios coloridos, através dos vidros partidos do frigorífico onde se encontravam. Sacos rasgados de batatas fritas de soja espalhavam-se pelo chão da pequena mercearia, tudo esmagado numa polpa.

Na parede atrás do balcão estava pendurada uma fotografia emoldurada de uma versão muito mais jovem do homem morto e de uma mulher que Eve supunha ser a sua viúva, de braço dado em frente à mercearia. Os seus rostos brilhavam com orgulho e humor, e com todas as possibilidades do futuro.

O futuro daquele jovem feliz acabara nesse dia, pensou ela, numa poça de sangue e aperitivos.

No meio da morte e destruição, a tenente Eve Dallas continuava a observar o corpo enquanto era atualizada pelo primeiro agente que chegara ao local do crime.

— Chama-se Charlie Ochi. Ele e a mulher geriram esta mercearia durante quase cinquenta anos.

O latejar do músculo no maxilar dele revelou a Eve que o agente conhecia a vítima.

— A senhora Ochi está nas traseiras, tem os paramédicos com ela. — O músculo tornou a latejar. — Ainda por cima, eles também lhe bateram.

— Eles?

— Três, disse ela. Três homens, vinte e poucos anos. Disse que um era

branco, um era preto e o outro asiático. Já cá tinham vindo antes, foram corridos por estarem a roubar. Tinham uma espécie de dispositivo artesanal, foi o melhor que ela conseguiu explicar. Bloquearam a câmara de segurança com ele. — O agente lançou o queixo na direção da câmara. — Completamente pedrados, acha ela, a rirem-se como hienas, a enfiarem chocolates nos bolsos. Bateram-lhe com uma espécie de cacete quando ela tentou impedi-los. Depois apareceu o velhote; eles bateram-lhe, mas ele continuou a atacá-los. Um deles enfiou-lhe o aparelho no peito. A senhora Ochi disse que ele caiu que nem uma pedra. Agarraram num monte de porcarias: doces, batatas fritas, coisas assim; sempre a rirem-se, ainda destruíram mais um bocado a mercearia e fugiram.

— Ela fez-lhe uma descrição?

— Fez uma muito boa, sim. Melhor ainda, temos uma testemunha que os viu a fugir e reconheceu um deles. Bruster Lowe, conhecido como Skid. Disse que eles fugiram para sul, a pé. A testemunha é Yuri Drew. Temo-lo ali fora. Ele chamou as autoridades.

— *Okay*, mantenha-se por perto, agente. — Eve virou-se para a sua parceira. — Como é que queres fazer isto? — Quando Peabody pestanejou os seus olhos escuros, Eve disse-lhe: — Ficas tu responsável por este homicídio. Como é que queres fazer isto?

— Está bem. — O distintivo de detetive de Peabody não era novinho em folha, mas ainda brilhava de ser recente. Eve permitiu-lhe um momento para alinhar as ideias. — Vamos investigar o Lowe, arranjar uma morada, um cadastro, se ele o tiver. Talvez descubramos companheiros conhecidos dele. Precisamos de divulgar as descrições agora, acrescentar os nomes quando e se os conseguirmos. Eu quero estes idiotas apanhados o mais rapidamente possível.

Eve viu a sua antiga assistente, e atual parceira, ganhar confiança à medida que avançava.

— Precisamos aqui da equipa forense. Estes imbecis provavelmente deixaram impressões digitais e vestígios por todo o lado. Vamos ver o que temos da segurança antes de eles a terem bloqueado, deixamos o resto para a DDE¹.

Peabody, com o cabelo escuro puxado para trás do rosto quadrado, num rabo de cavalo curto e saltitante, desceu o olhar para o corpo.

— É melhor investigá-lo, confirmar a identidade dele.

— Eu trato disso — disse Eve, e Peabody pestanejou outra vez.

— A sério?

¹ Divisão de Detecção Eletrónica. (N. de T.)

— Tu és a responsável. — Com as longas pernas firmemente apoiadas, Eve leu o ecrã do seu computador de bolso. — Lowe, Bruster, também conhecido por Skid, caucasiano, vinte e três anos de idade. Sem morada atual. A última conhecida é na Avenida B, a casa da mãe dele. Tem cadastro e um registo juvenil não selado. Posse de drogas, vandalismo, furto, destruição de propriedade privada, roubo de viaturas, blá-blá-blá.

— Cruza esses dados com...

— Feito. Não és a única que consegue trabalhar com uma coisa destas — lembrou-lhe Eve. — Cruzando os dados das detenções, temos, como parceiros conhecidos mais prováveis de estarem envolvidos, Leon Slatter, também conhecido por Slash, mestiço do sexo masculino, vinte e dois anos de idade, e Jimmy K Rogan, também conhecido por Smash, negro, vinte e três anos de idade.

— Isso é mesmo muito bom. Moradas?

— O Slatter tem uma, na West Fourth.

— Excelente. Agente, fique com os dados da tenente. Quero que vá buscar estes três indivíduos. Eu e a minha parceira ajudaremos na busca quando estivermos despachadas daqui, mas quero isso já a avançar.

— É para já.

— Eu fico com a testemunha — disse Peabody a Eve. — Tu ficas com a esposa. *Okay?*

— Tu és a...

— Responsável. Percebido. Obrigada, Dallas.

Que raio de coisa, ficarem-lhe agradecida por ela atribuir um cadáver, pensou Eve enquanto se agachava para confirmar a identificação com o seu ecrã. Mas, no fim de contas, elas eram polícias de homicídios.

Ela passou mais alguns minutos a examinar o corpo: os hematomas na têmpora, nos braços. Não tinha dúvidas de que o médico-legista confirmaria que nenhum deles fora fatal. Mas o bloqueador eletrónico artesanal enfiado no peito tinha muito provavelmente dado a Ochi um choque que lhe parara o coração de oitenta e três anos.

Eve levantou-se e olhou novamente em redor para a destruição desnecessária. Tinham gerido um sítio de qualidade pelo que conseguia observar. O chão, a janela, os balcões brilhavam de limpos sob as bebidas derramadas, os salpicos de sangue. O inventário que não fora atirado ou esmagado estava bem arrumado nas prateleiras.

Cinquenta anos, dissera o primeiro agente a chegar ao local, a gerir um negócio, a prestar um serviço, a viver uma vida, pensou ela, até um trio de

parvalhões decidir destruí-la por umas quantas barras de chocolate e batatas fritas de soja.

Depois de uma dúzia de anos como polícia, nada do que os seres humanos faziam uns aos outros a surpreendia. Mas o desperdício e a indiferença dos atos ainda a irritavam.

Caminhou até às traseiras, entrou na pequena combinação de escritório e armazém. O paramédico estava a arrumar o seu equipamento.

— Devia mesmo deixar-nos levá-la, senhora Ochi.

A mulher abanou a cabeça.

— Os meus filhos, os meus netos estão a chegar. Estou à espera deles.

— Depois de eles chegarem, tem de ir ao centro de saúde, para ser examinada. — O tom de voz dele, gentil e suave, combinava com a mão que ele pousou suavemente no braço dela. — Está bem? Lamento imenso, minha senhora.

— Obrigada. — Ela desviou os olhos, um verde intenso num rosto marcado pelo tempo, maculado por hematomas, e encontrou os de Eve. — Eles mataram o Charlie — disse, simplesmente.

— Sim, senhora. Lamento a sua perda.

— Toda a gente lamenta. Os três que o mataram, eles também vão lamentar. Se pudesse, fá-los-ia lamentar com as minhas próprias mãos.

— Nós trataremos disso por si. Sou a tenente Dallas. Preciso de lhe fazer umas perguntas.

— Eu conheço-a. — A senhora Ochi levantou uma mão e balançou um dedo no ar. — Vi-a no ecrã, no *Now*. Vi-a com a Nadine Furst. Eu e o Charlie gostamos de ver o programa dela. Íamos ler aquele livro que ela escreveu sobre si.

— Não é bem sobre mim. — Mas Eve deixou passar, porque havia coisas mais importantes para falar, e porque isso a envergonhava um pouco. — Porque não me conta o que aconteceu, senhora Ochi?

— Já contei ao outro polícia e vou contar-lhe a si. Eu estava ao balcão e o Charlie encontrava-se aqui para trás quando eles entraram. Tínhamos-lhes dito para não voltarem mais porque eles roubam, partem coisas, insultam-nos a nós e aos nossos clientes. São sarilhos, aqueles três. Rufias. O rapaz branco, ele apontou para a câmara aquela coisa que tinha, e o monitor no balcão ficou só com estática.

A voz dela lascava as palavras como um martelo em pedra, e os olhos permaneciam ferozes e secos. Sem lágrimas, pensou Eve, ainda. Apenas o frio fulgor da raiva que somente um sobrevivente realmente conhece.

— Estavam a rir-se — continuou a senhora Ochi —, a dar palmadas nas costas uns dos outros, a bater com os punhos, e o homem preto, ele disse: «O que vais fazer agora, cabra velha?», e agarrou numa quantidade de doces. Gritei-lhes para saírem do meu estabelecimento, e o outro, meio asiático, bateu-me com uma coisa qualquer. Fiquei a ver estrelas e tentei ir para as traseiras, ter com o Charlie, mas ele bateu-me novamente e eu caí. Eles não paravam de se rir. Drogados — disse ela. — Eu sei como é que os drogados ficam. O Charlie apareceu. O mestiço, ele ia bater-me outra vez, foi nisso que acreditei enquanto estava no chão, mas o Charlie bate-lhe, atira-o para trás. Eu tentei levantar-me, para ajudar, mas...

Nessa altura, a voz dela interrompeu-se e alguma da ferocidade desvaneceu-se com a culpa.

— Estava ferida, senhora Ochi.

— O preto bateu no Charlie como o mestiço me bateu a mim, mas o Charlie não caiu. Ele não é grande, o Charlie, não é jovem como aqueles *assassinos*, mas é forte. Ele sempre foi forte. — Ela respirou fundo, acalmou-se um pouco. — Ele ripostou. Tentei levantar-me, e tentei encontrar algo com que os pudesse atingir. Então o branco disse: «Vai-te lixar, seu velho de merda», e enfiou a coisa, o bloqueador ou o atordoador, ou o que quer que fosse, no Charlie... aqui.

Ela pousou uma mão no coração.

— Aquilo fez um som, um som elétrico... como a estática, se é que me entende. E começou a estalar, e, quando estalou, o Charlie caiu. Ele pressionou a mão no peito, disse «Kata», disse o meu nome. — Os lábios dela tremeram, mas ela firmou-os novamente. — Ele disse «Kata», depois caiu. Eu rastejei na direção dele. Eles continuavam a rir-se e a gritar, a partir coisas, a pisar coisas. Um deles, não sei qual, deu-me um pontapé no flanco e, depois, fugiram.

A senhora Ochi fechou os olhos por um momento.

— Saíram a correr e, pouco depois... um minuto? Talvez menos, o Yuri entrou a correr. Tentou ajudar o Charlie, tentou reanimar-lhe o coração. Ele é um bom rapaz, o Yuri, o pai dele trabalhou para nós há muito tempo, mas não conseguiu ajudar o Charlie. Chamou a Polícia e uma ambulância, e foi buscar gelo ao congelador para a minha cabeça. Ele sentou-se comigo, comigo e com o Charlie, até a Polícia chegar.

Ela inclinou-se então para a frente.

— Eles não são pessoas importantes. Nós também não somos importantes, não somos o tipo de pessoas importantes de que falam no *Now* com a Nadine Furst. Mas não os vai deixar safar-se disto, pois não?

— A senhora é importante para a NYPSD², senhora Ochi. A senhora e o senhor Ochi são importantes para mim, para a minha colega, para todos os agentes que trabalham nisto.

— Acredito em si quando o diz, porque você acredita.

— Eu sei-o. Já andamos à procura deles e vamos encontrá-los. Ajudaria se eu pudesse ficar com o vosso disco de vigilância. Se eles não o bloquearam antes de entrarem, vamos tê-los gravados. E temo-la a si, temos o Yuri. Eles não se vão safar disto.

— Há dinheiro na caixa registadora debaixo do balcão. Não é muito, nós não guardamos muito, mas eles não queriam dinheiro. Doces, refrigerantes, batatas fritas. Na verdade, também não queriam isso. Só queriam partir e magoar, rasgar e estragar. O que é que transforma os rapazes em animais? Sabe?

— Não — disse Eve. — Não sei.

Eve observou a família da senhora Ochi colocá-la num carro para a levar ao seu médico, e o corpo do senhor Ochi a ser colocado no transporte para a morgue.

O verão de 2060 havia sido abrasador, e isso não parecia vir a mudar tão cedo. Ela permaneceu no calor, passou uma mão pelo seu curto cabelo castanho, a desejar uma brisa. Teve de controlar o impulso, umas quantas vezes, de orientar Peabody, de comandar, de ordenar.

Ser minucioso era bom, lembrou a si própria, e as fotografias dos suspeitos já estavam a ser divulgadas, os agentes já andavam a bater às portas.

Já tardiamente, lembrou-se dos seus óculos de sol e ficou ligeiramente surpreendida por os encontrar no bolso. Colocou-os, eliminando o ofuscamento que lhe havia encadeado os olhos cor de uísque, e continuou quieta, alta e esguia, num casaco castanho e calças escuras, botas gastas, até Peabody se aproximar dela.

— Ninguém em casa em nenhuma das moradas que temos, e a mãe do Bruster diz que não vê o filho há semanas... e que já vai tarde. Mas um dos vizinhos do Slatter afirma que viu os três saírem de casa esta manhã. Diz que eles andam por lá caídos, e que têm lá estado nas últimas duas semanas.

— São imbecis — concluiu Eve. — Vão regressar para o buraco de onde saíram.

² Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, no original New York Police and Security Department. (N. de T.)

— Tenho agentes a vigiá-lo... dois homens por enquanto. A testemunha, Yuri Drew, estava mesmo a atravessar a rua quando os viu a fugir. Reconheceu o Bruster porque se tinham cruzado a encestar umas bolas algumas vezes num campo de basquetebol não muito longe daqui... e estava na loja uma vez em que a nossa vítima correu com eles. Reconheceu os três, mas só conhecia o Bruster pelo nome. O tipo foi-se abaixo, por duas vezes, ao dar-me o seu depoimento — acrescentou Peabody. — O pai dele costumava...

— Trabalhar para eles — terminou Eve. — Já soube.

— Ele viu fotografias. Descarreguei uma amostra para o meu portátil de bolso, e ele escolheu os três, sem qualquer hesitação, da panóplia que tinha disponível. Não só vai testemunhar contra eles, como está desejoso de o fazer. Passaste-me este caso por ser muito fácil?

— No momento em que o considerares muito fácil é quando perdes de vista o que é importante.

Nessa altura, Peabody colocou os seus óculos escuros, e Eve viu-se a fitar o seu próprio reflexo nas lentes espelhadas com as tonalidades do arco-íris.

— Como raio é que consegues ver com isso? Fica-te tudo a parecer a porra de um conto de fadas?

— Tu não vês através de um arco-íris... as outras pessoas é que o veem. Totalmente mágico.

Completamente o oposto de se ser polícia, na opinião de Eve, mas apenas encolheu os ombros.

— O que é que queres fazer agora?

— Devíamos, provavelmente, falar com a mãe, com os vizinhos, ver se conseguimos descobrir outros parceiros conhecidos. Mas pensei que podíamos fazer isso pondo-nos a caminho. Eles estavam com a pica, estavam pedrados, atacaram a loja. Agora estão a curtir o quão histericamente divertido foi destruir a mercearia e bater num casal de velhotes. Talvez saibam que o Ochi morreu, talvez não saibam.

Pelo menos os óculos escuros não tinham tornado o cérebro dela num arco-íris, decidiu Eve. Peabody raciocinava como uma polícia.

— Aposto que não sabem, e que são suficientemente estúpidos para andarem por aí, talvez a tentarem arranjar mais alguma droga.

— Tenho uma mão-cheia de locais habituais que eles costumam frequentar, que a testemunha indicou, assim como a mãe. Já há muitos agentes à procura deles, mas...

— Então, e o que são mais dois? Quem é que conduz?

— A sério? — Nessa altura, Peabody ficou boquiaberta.

— És a responsável.

— Está bem, sim. Eu conduzo. — Entusiasmada, Peabody atirou-se para trás do volante. — Quis fazer isto desde que o Roarke to deu. Parece uma porcaria, mas, oh, bebé, está completamente aparelhado.

Pois estava, concordou Eve. O marido dela nunca falhava uma engenhoca, além disso adorava dar-lhe presentes. Um dos primeiros que lhe oferecera, um diamante com a forma de uma lágrima, duas vezes o tamanho do polegar dela, roçava-lhe sob a camisa.

Era belo, impressionante, e provavelmente valia mais do que o produto interno bruto de um pequeno país. Mas se ela tivesse de escolher entre isso e o veículo com mau aspeto, este último ganhava, de longe.

— Tenho um bar de alterne, um salão de jogos, uma pizaria e o campo de basquetebol público — começou Peabody. — Podia traçar um caminho no sistema de navegação de forma a irmos a todos os locais no mais curto espaço de tempo.

— Parece-me um plano.

— Mas? Vá lá. Eu dou-te a minha opinião quando és tu a responsável.

— Eles fugiram carregados de comida de plástico, por isso qual a necessidade de ir a uma pizaria, principalmente se estiverem com a pica? O bar de alterne, talvez, se quiserem uma rapidinha.

— Mas? — repetiu Peabody.

— Eles acabaram de bater num casal de velhotes. É pouco provável que saibam que mataram um deles. É tudo paródia e diversão. Não levaram nenhum dinheiro, não roubaram as alianças dos Ochi, nem as suas unidades de pulso, nem a carteira do corpo da vítima.

— E um bar de alterne custa dinheiro — concluiu Peabody. — A rapidinha ainda custa mais.

— Eles conseguiram a comida de plástico e provaram o quão fabulosos são. Quando estamos pedrados, e pensamos que somos fabulosos, e que estamos a passar um tempo do caraças, queremos gabar-nos, talvez esmurrar mais umas quantas cabeças.

— Salão de jogos ou campo de basquetebol. Percebi. Vamos a esses primeiro. Se não conseguirmos nada, passamos pelos outros.

Eve acenou com a cabeça em aprovação.

— É um plano melhor.

Peabody inseriu as localizações.

— Achas mesmo que eles não sabem que o Ochi morreu?

— Estão pedrados, são estúpidos, são uns imbecis de todo o tamanho. Mas nenhum deles tem cadastro por homicídio. Eles fugiram a rir-se, empolgados. É provável que, se eles soubessem que tinham cometido um homicídio, tivessem acabado com a mulher, tivessem conversado, falado sobre a morte. Não o fizeram.

Elas foram primeiro ao salão de jogos, encontraram-no a abarrotar. Mais fresco do que no exterior, pensou Eve, mas a cacofonia de campainhas, assobios, gritos, urros e estrondos, e as luzes brilhantes, faiscantes e giratórias levavam-na a interrogar-se por que razão queria alguém passar uma tarde de verão colado a uma máquina.

O empregado pálido e atarracado perto da entrada deu uma olhada às fotografias que identificavam os suspeitos.

— Sim, verdadeiro. Eles têm o hábito de jogar. O Slash bateu o recorde do *Assassins* aqui há um par de dias. Ainda se mantém. Vou ter, eu próprio, de o ultrapassar quando tiver tempo, pois ele é um parvalhão.

— Estiveram cá hoje? — perguntou-lhe Peabody.

— Falso. Só jogam à noite. Pedrados, quando conseguem alguma coisa.

— Ele encolheu os ombros. — Que fizeram?

— Precisamos de falar com eles. — Peabody sacou de um cartão. — Se eles cá vierem, avise-me. Qual é a pontuação máxima do *Bust It*?

A atenção dele focou-se.

— Joga?

— Um verdadeiro génio do caraças. Derrotei o craque do *Bust It*. — Ela ergueu três dedos. — Por três vezes.

— Grande pinta — disse ele, com respeito. — Quer dar uma voltinha?

— Tenho de me ir embora, mas talvez regresse.

— Jogo contra si — disse ele com um sorriso.

— Combinado. Vamo-nos embora — acrescentou. — Se eles aparecerem, avise-me.

Ele passou um dedo sobre o coração e guardou o cartão.

— O que foi aquilo? — perguntou Eve.

— Talvez ele nos avisasse, mas era provável que não o fizesse, porque ele estava-se nas tintas, e eu achei que pudesse simplesmente deitar fora o cartão. Por isso, chamei a atenção dele, conquistei o seu respeito. Cena de jogadores. É um bocado estúpido, mas funcionou.

— Verdadeiro — disse Eve, fazendo Peabody rir-se.

Abriam caminho através do trânsito, passaram por pré-fabricados decorados com grafitis, abandonados depois das Guerras Urbanas, onde os

homens que não tinham mais nada para fazer se sentavam em alpendres degradados a beber cerveja e zurrapa, de garrafas embrulhadas em papel pardo.

Os rufias mantinham-se em pequenos bandos, a maior parte deles com *t-shirts* de alças para exibirem uma série de tatuagens e músculos suados.

Vedações corroídas cercavam o campo fissurado com a cobertura desbotada. Alguém se tinha dado ao trabalho de empurrar ou varrer pilhas de lixo para o limite da vedação, onde os vidros partidos brilhavam como diamantes perdidos.

Um grupo de rapazes, com idades a rondar os vinte anos, estava a jogar em tronco nu contra outros de *t-shirt*. E alguns dos troncos nus estavam arranhados e pisados. Com exceção de um casal de adolescentes que, com as suas línguas, tentava alcançar pelo interior o umbigo um do outro, os espetadores encostavam-se ou sentavam-se na vedação, de onde gritavam, insultavam e discutiam com os jogadores.

Peabody estacionou atrás do que restava de uma carrinha desmantelada. Alguém tinha pintado «Vai-te fder» na bagageira amolgada.

— O que é que se pode dizer acerca dos níveis de literacia quando nem sequer conseguem soletrar *foder*? É triste — concluiu Eve.

— Bruster — disse Peabody, erguendo o queixo na direção do campo.

— Sim, já o vi, e aos imbecis dos companheiros.

— Vou pedir reforços.

— Hã-hã.

Eve observou durante alguns instantes. Eles estavam no grupo dos vestidos, e as suas *t-shirts* colavam-se-lhes ao corpo com a transpiração. Jimmy K tinha enrolado as calças largas acima dos tornozelos ossudos, e pelo ritmo dele, pelos seus movimentos, Eve deduziu que ele consumira alguma coisa. Talvez voltasse a consumir se, presentemente, não estivesse ressecado e a suar como um porco no espeto.

O rosto de Bruster estava de um vermelho-lagosta e a escorrer, e pela fúria visível, ela imaginava que estivessem a levar uma tarefa dos de tronco nu. Leon ofegava como um cão enquanto atravessava o campo a correr. Mesmo à distância, ela conseguia aperceber-se do seu peito a subir e a descer.

— Estão mocados — disse Eve. — Bateram no fundo, estão sem fôlego. Não conseguem ultrapassar um miúdo pernetá.

— Reforços, quatro minutos. — Quando Eve assentiu, Peabody virou-se no assento. — Muito bem, vamos prender aqueles idiotas.

— Estou cheia de vontade de o fazer.

Eve saiu do carro. Alguns dos espetadores sentados na vedação perceberam que elas eram polícias quando começaram a atravessar a estrada. Uns escarneceram, uns ficaram nervosos, outros mostraram um olhar vazio, que Eve deduziu pretender ser uma tentativa de se fazerem invisíveis.

No campo, Bruster roubou a bola, espetando o cotovelo no estômago do opositor. A luta curta e brutal que se seguiu deu tempo a Eve e a Peabody de acabarem de atravessar a estrada e entrarem pela cancela da vedação.

Eve deu um ligeiro pontapé aos estimuladores umbilicais.

— Desapareçam. — Ela bateu com a mão na arma sob o casaco para os incentivar. Eles ergueram-se e saíram, e livraram-se, pensou Eve, de qualquer potencial prejuízo.

Ela ignorou os outros que haviam decidido, subitamente, que tinham sítios melhores onde estar e se esgueiraram pela cancela. Concentrou-se em Bruster, mas aproveitou a oportunidade de calcar com a bota o peito de Slatter, caído no chão, a ofegar e a sangrar.

— Mantém-te no chão. Se te levantares, tentares correr, dou-te um choque suficiente para te mandar ao chão, o bastante para urinares nas calças. — Para enfatizar o seu aviso, ela sacou da sua arma e observou Peabody a tentar evitar cotovelos espetados e murros voadores dos lutadores que ainda estavam no chão, e a dirigir-se para agarrar Bruster.

Jimmy K encontrava-se sentado no chão, ocupado com o lábio reventado.

— Não fizemos nada. Aquele branquela sacana esmurrou-me.

— Sim? — Ele já esquecera, percebeu Eve, tudo sobre os Ochi, a mercearia. As vidas que ele tinha partido em pequenos cacos. — Senta-te, quieto — disse-lhe.

Mas Bruster não esquecera. Ela viu os olhos flamejantes dele quando Peabody o puxou para longe do miúdo que ele estava na altura a socar. Ela desviou-se do golpe, evitou o pontapé, enquanto tentava identificar-se como sendo da Polícia.

Slatter tentou rolar de baixo da bota de Eve. Ela simplesmente aumentou a pressão.

— Posso partir umas costelas — indicou-lhe — e dizer que aconteceu durante o jogo. Pensa nisso.

Em vez de sacar da arma, Peabody bloqueou um murro. Parte da força conseguiu passar, atingiu de raspão o ombro e terminou a colidir, de uma forma bastante poderosa na opinião de Eve, com o ouvido dela.

Os óculos com o arco-íris deslizaram, ficaram inclinados de uma maneira estranha no rosto dela.

Peabody conseguiu replicar com um golpe quase perfeito que fez Eve abanar a cabeça.

Os pés dela estavam muito pesados, notou Eve, os seus movimentos revelados antecipadamente.

Quando Bruster retirou o bloqueador do bolso, Eve ergueu a sua arma, preparada para disparar. E Peabody disse: — Que se lixe isto! — e deu-lhe um pontapé entrepernas.

O bloqueador saltou da mão dele enquanto ele caía, a vomitar. Eve deu a Peabody pontos pelos seus reflexos, por ter conseguido apanhar o dispositivo no ar.

— Estás tão completamente detido! — Peabody baixou-se, voltou Bruster ao contrário e colocou-lhe as algemas. — Também queres apanhar do mesmo? — gritou a Jimmy K quando este começou a rastejar para trás.

Ele imobilizou-se.

— Hã-hã. Então, meu? É só um jogo. Nada importante.

— Eu digo-te o que é importante. — Ela ergueu-se, olhou para Eve enquanto esta algemava Slatter. — Cara no chão — ordenou, e acabou o serviço com Jimmy K na altura em que os reforços chegavam aos gritos.

— Peça um autocarro — ordenou Peabody ao primeiro agente a alcançá-las. — Alguns destes tipos precisam de cuidados médicos. Fique com os nomes — acrescentou. — Vamos juntar ao caso agressão a estes sangradores. E arranje uma carrinha para aqueles três.

— Sim, senhora.

Peabody olhou para Eve, sorriu abertamente. Disse baixinho: — Ele chamou-me «senhora». — A seguir, pigarreou. — Tenente, informe estes imbecis do que são acusados e leia-lhes os direitos, sim?

— Com certeza. Bruster Lowe, Leon Slatter, Jimmy K Rogan, estão detidos pelo homicídio...

— Não matámos ninguém! — Jimmy K quase gritou quando um par de agentes o ergueu. — Apanharam os tipos errados, meu. Estávamos a jogar à bola.

— Acusações adicionais incluem tentativa de homicídio, agressão, destruição de propriedade, furto e, no caso de Bruster, resistência à detenção e ofensa à integridade física de uma agente da Polícia. Somos capazes de conseguir agravar esta, só pela piada, para tentativa de homicídio de uma agente da Polícia.

Quando estava tudo terminado, e os três homens já se encontravam na carrinha, Peabody passou as mãos pela cara.

— Foi um trabalho mesmo, mesmo bom. Mas *au!* — Deu uma palmadinha no ouvido.

— Tens os pés muitos pesados.

— Ei, nada de comentários ao meu peso enquanto sou eu a responsável.

— Não é o teu peso, Peabody... é só que os teus pés estão demasiado pesados. E hesitas. Tens bons reflexos, mas os teus movimentos são lentos. Precisas de trabalhar no corpo a corpo.

— Visto que o meu ouvido ainda está a zunir, não vou discutir. Vou trabalhar nisso.

— Mas deitaste-o abaixo, por isso, sim, foi um bom trabalho. — Eve voltou-se ao ouvir o som estridente do seu alarme do carro.

Ela observou o rufia esperançoso aterrar de traseiro no chão da rua quando o atordoador de aviso foi ativado. O dispositivo dele de fazer saltar fechaduras rolou para a sarjeta.

— Funciona. É bom saber.

Ela virou-se novamente, deixando o rufia coxear dali para fora — considerando que ele tinha aprendido uma lição valiosa.

— Tenho sede. Quero um refrigerante. — Peabody lançou um olhar a Eve. — Vou parar a caminho da Central para comprar um refrigerante. De qualquer modo, quero-os a suar durante algum tempo. Disse aos agentes para os manterem separados, e para reservarem salas de interrogatório. O Jimmy K é o elo mais fraco, certo? Pensei que podíamos começar por ele.

— Por mim, tudo bem.

— Eu quero ser a polícia má.

Eve voltou-se para fitar a parceira — a agente com arcos-íris nos olhos.

— Preocupo-me contigo, Peabody.

— Nunca posso fazer de polícia má. Quero ser a super-sacana, e tu és a compreensiva. Ele estava todo lamuriento quando foi levado. Nem sequer preciso de ser muito má. Além disso — murmurou —, sou a responsável.

— Está bem. — Eve encostou-se para trás. — Pagas tu as bebidas.

Jimmy K ainda estava a lamuriar-se quando entraram na sala de interrogatório. Peabody olhou-o com desconfiança.

— Peabody, detetive Delia, e Dallas, tenente Eve, a interrogar Rogan, Jimmy K, sobre o homicídio de Ochi, Charlie, e acusações relacionadas.

— Eu não matei ninguém! — berrou Jimmy K.

— Oh, cale a porra da boca. — Peabody bateu com o ficheiro na mesa, tirou do seu interior a fotografia do morto e bateu com ela sobre o ficheiro. — Vê isto, Rogan? Foi isto que você e os seus amigos fizeram.

— Não fizemos. Não fizemos.

— E isto. — Ela dispôs as fotos da senhora Ochi, os grandes planos da sua cabeça a sangrar, o olho negro, o maxilar inchado. — Parece-me que gosta de bater em avós, seu fuinha imbecil.

— Eu não bati.

Peabody fez menção de se levantar da cadeira.

— Espera, espera. — Desempenhando o seu papel, Eve pôs uma mão no ombro da sua parceira. — Dá-lhe uma oportunidade, está bem? Ele parece muito nervoso. Trouxe-lhe uma bebida fresca, Jimmy K. Quer um tubo de *Coca-Cola*?

— Sim, pá, sim. — Ele tirou-lha, bebeu em grandes goles. — Eu não matei ninguém, nem pensar.

— Temos testemunhas, seu imbecil.

— Hã-hã. — Jimmy K abanou a cabeça para Peabody. — Não estava ninguém lá dentro quando entrámos, e o Skid, ele fritou a câmara. Por isso, não têm.

Meu Deus, pensou Eve, *que idiota*.

— Esteve hoje na Mercearia Ochi? — perguntou-lhe ela. — Com o Bruster Lowe, Skid, e o Leon Slatter, Slash?

— *Okay*, sim. Queríamos mastigar qualquer coisa, está a ver? Por isso entrámos para arranjar alguma coisa.

— Fritam sempre a câmara quando vão mastigar qualquer coisa? — perguntou Peabody.

— Estávamos só no gozo, estão a ver?

— No gozo? — Peabody rugiu as palavras, enfiou a foto de Ochi na cara de Jimmy K. — Isto é estar no gozo?

— Não, pá, não, senhora. Eu nunca fiz isso.

— Calma, Jimmy K — disse-lhe Eve, e certificou-se de que ele a via a lançar um olhar de desaprovação a Peabody. — Sabe que os bloqueadores são ilegais... mesmo os artesanais.

— Sim. — Ele suspirou. — Mas, está a ver, eu estava só a fazer experiências. Às vezes faço uns biscates a trabalhar numa loja de eletrónica e aprendem-se umas porcarias. Porcarias educativas. Disse aos gajos que conseguia fazer um bloqueador com alguma da tralha que temos por lá, e eles estavam, tipo, «Fazes treta nenhuma, otário», e coisas assim. Então mostrei-lhes.

Trabalhei naquilo durante horas, pá. Apanhámos uma moca. Sabe como é quando se está a curtir.

— Sim. — Eve acenou com a cabeça. — Claro.

— Nós experimentámos aquilo, e lixou o computador do Slash todo. Que cena hilariante, meu. Eu e o Skid partimo-nos a rir. O Slash estava um bocado chateado, e começou a tirar-mo, e eu tentei segurá-lo, e, tipo, bati no controlo. Dei-lhe um choque. Jesus, deviam tê-lo visto saltar. Caímos ao *chão* a rir. Ficámos só no gozo, demos uns choques uns aos outros, tomámos mais uns estimulantes. E ficámos com fome, sabe, e decidimos ir ao Ochi, mastigar qualquer coisa e brincar com o zipzap. Foi isso que lhe chamámos. Zipzap. Eu é que o fiz, sozinho.

Ele disse-o com grande orgulho, e Eve podia ver que Peabody sentia pena dele.

— Isso é um verdadeiro talento, Jimmy K — disse Eve, e deu um pontapé a Peabody por baixo da mesa.

— Seu sacana. — Peabody endureceu a expressão. — Foi à mercearia dos Ochi para os roubar, para lhes vandalizar a loja, para dar cabo deles com um dispositivo ilegal que bloqueava a segurança e emitia uma carga elétrica? Com cacetes?

— Está bem, ouça, está bem, ouça só. — Ele deu umas palmadinhas no ar com as mãos. — Estávamos mocados, estávamos com a larica. O Ochi tem coisas boas, e o velhote, ele está sempre a correr connosco, até mandou a Polícia ir a casa da cota do Skid uma vez, só porque derrubámos umas cenas. Só queríamos comer, e mostrar-lhes que não se devem meter connosco. Só para os assustar, percebem?

— Então ia ser só um assalto — disse Eve, acompanhando o ritmo. — Vocês os três pegaram no vosso zipzap, nos cacetes, e entraram com a intenção de roubar, de intimidar, e talvez, se eles vos chateassem, de lhes dar uma porradita, partir umas coisas.

— Sim, é isso. Estávamos a curtir, pá. Estávamos com uma boa moca. O Skid tinha o zipzap. Era a vez dele, e, olhe, o velhote chamou a Polícia e tudo isso. Fritou bem a câmara, também. A velhota ficou toda alterada, está a ver, por isso o Slash deu-lhe umas quantas.

— O Leon Slatter, Slash, bateu-lhe com o cacete — encorajou Eve —, porque ela estava a gritar-vos para pararem.

— Isso mesmo. Ela estava a gritar e a mandar vir, por isso o Slash deu-lhe uma cacetadazita para a calar. Quanto a mim, peguei nuns doces e batatas fritas, e merdas dessas, e o velho apareceu meio louco. Ele estava,

tipo, a atacar-me, então eu só me defendi e dei-lhe uma pancada. E ele vai atrás do Skid, e está a gritar, tipo, cenas *loucas*, então o Skid deu-lhe um choque. Estávamos mocados e tudo isso, por isso destruimos o sítio e depois fomo-nos embora. Veem? Não matámos ninguém.

Peabody tirou uma folha do ficheiro.

— Este é o relatório da autópsia do Ochi. Sabe o que é uma autópsia, seu sacana?

Ele lambeu os lábios.

— É, tipo, quando abrem os mortos. Mesmo chato, pá.

— E quando eles abriram este morto, perceberam que ele morreu de paragem cardíaca. O seu coração parou.

— Vê, tal como eu disse, não o matámos.

— Parou devido a um choque elétrico, que também lhe deixou queimaduras elétricas no peito. A porra do seu zipzap é a arma do crime.

Os olhos de Jimmy K arregalaram-se.

— Não. Merda, não.

— Merda, sim.

— Foi um acidente, pá. Um acidente, certo? — disse ele, suplicando, para Eve.

Ela estava cansada de ser a polícia boazinha.

— Entraram na Merceria Ochi, com a intenção de roubar, destruir propriedade, intimidar e causar danos físicos aos Ochi e a quem mais pudesse estar presente. Entraram com um dispositivo ilegal que sabiam que causava danos físicos, e com sacos com pesos para usar como cacetes. De facto, como você próprio admitiu, roubou, destruiu propriedade e causou danos físicos. Eis o que acontece quando uma morte ocorre como resultado de um crime ou durante a ocorrência de um crime. Escala para homicídio.

— Não pode.

— Oh — assegurou-lhe Eve —, pode.

CAPÍTULO

2



Eve deixou que Peabody determinasse o ritmo. Demorou um pouco mais do que poderia ter demorado, mas não podia dizer que os interrogatórios não tivessem sido exaustivos. No final do longo processo, três idiotas perigosos encontravam-se em celas, onde ela não duvidava que passariam muitas décadas das suas vidas inúteis.

No seu escritório, ela gesticulou para o seu AutoChef.

— Não tenho café — disse ela, como se estivesse um pouco perplexa. —

Quando corrigires essa situação, podes fazer um para ti.

Peabody programou duas chávenas e entregou uma.

— Bom trabalho — disse-lhe Eve, batendo com as chávenas.

— Estava praticamente no papo.

— Se estava, foi porque fizeste por isso. Obtiveste pormenores e informações de uma testemunha, combinaste isso com as informações que eu consegui da esposa da vítima, com o que observámos e reunimos da cena do crime. — Eve sentou-se, colocando as botas sobre a secretária. — A partir daí, seguiste o instinto e localizaste os suspeitos, embora pudesses ter deixado essa parte para os agentes que já andavam à procura deles.

Peabody sentou-se na instável cadeira de visitas.

— Ter-me-ias dado uma tarefa se eu tivesse feito isso. O nosso caso, a nossa vítima, os nossos suspeitos.

— Não estás errada. Tu, corretamente na minha opinião, identificaste o elo mais fraco e deste-lhe primeiro a volta a ele, deste-lhe muito bem a volta, intimidando-o até ele deixar escapar uma confissão, e contar detalhes específicos. Quem fez o quê, quando, como. Conquistaste a premeditação, e isso foi

fundamental. Percebeste que tinhas de aumentar a pressão e a carga sobre o Slatter porque ele é mais duro que o Rogan.

— Puré de batata é mais duro do que o Rogan, mas não pares agora. Por favor, continua a dizer-me como sou uma magnífica detetive.

— Não meteste água — disse Eve, e fez Peabody sorrir sobre o seu café. — Pressionaste o Slatter porque ele estava suficientemente lixado com o facto de o Rogan se ter desbocado, e sabia que ele o tinha feito porque tu lhe expuseste os detalhes, para tentares que ele ainda se desbocasse mais sobre os amigos. Ele imaginou que, uma vez que o Rogan fizera a arma do crime, e o Lowe tivera a brilhante ideia de ir à mercearia, e o Lowe é que a usara no Ochi, ele seria uma espécie de espetador inocente. Deixaste-o acreditar nisso.

— Sim. Tu guiaste-o até aí com o papel de boa polícia prestável. Uma detetive magnífica tem de utilizar o trabalho de equipa.

— Tens mais alguns minutos para desfrutar disto — decidiu Eve.

— Boa! Demos bem a volta ao Lowe.

— Se assim o dizes. Foi inteligente começares com provocações, com a história de já estar no papo, sacana. Sarcasmo e gozo desagradável em vez de ameaças e intimidação. Ele tem quase metade de um cérebro e poderia ter pedido um advogado se o tivesses pressionado. A descontração funcionou com ele.

— Acho que, até certo ponto, ele sabia que o Ochi estava morto quando saiu a correr da mercearia, e, até certo ponto, ele encostou o dispositivo ao coração do velhote porque sabia que ia causar danos graves.

Nem só instinto, nem só trabalho de equipa, pensou Eve, mas a perspicácia era uma ferramenta importante para uma investigadora magnífica.

Assim como o pragmatismo.

— Não discordo, mas nunca iríamos conseguir condená-los por homicídio qualificado. Conseguiste o que podíamos conseguir e, se acrescentarmos ofensa à integridade física de agentes da Polícia, a agressão do Lowe contra ti, eles estão tramados, Peabody. Vão ficar numa cela mais tempo do que já viveram. A senhora Ochi não vai ter o marido de volta, mas quando a contactares, ela vai saber que os responsáveis por isto já estão a começar a pagar.

— Acho que devias ser tu a contar-lhe. Falaste com ela, ela conhece-te, e provavelmente teria mais significado se lhe disseses tu que os apanhámos.

— Está bem.

— Vou contactar a testemunha. — Peabody soltou um suspiro. — Eu

gostei de ser a polícia má, na verdade, gostei muito. Mas... como que me deu uma dor de cabeça.

— Porque não é natural em ti. A tua técnica inata é a subtileza, identificares-te e usares isso para fazer com que o suspeito se identifique contigo. É uma boa característica, Peabody. Podes representar o teu papel de sacana quando for preciso, mas és melhor com a graxa. Agora vai escrever.

— Sou a responsável. Não posso dizer-te para seres tu a escrever?

— Eu sou tua superior, e o tempo para desfrutares disto já passou. Vou juntar as minhas notas e enviar-tas. Contacta a tua testemunha, escreve o relatório e depois vai para casa.

Peabody acenou com a cabeça, levantou-se da miserável cadeira de visitas de Eve.

— Foi um dia bom. Não para os Ochi — disse ela com um pequeno estremecer —, mas... tu percebes. Estou a sentir-me cheia de energia. Talvez quando chegar a casa, faça de polícia má com o McNab.

Eve pressionou os dedos no canto do olho quando esse músculo se contraiu.

— Porque é que achas que eu quero saber dos teus jogos sexuais perversos com o McNab?

— Na verdade, eu estava a pensar praticar técnicas de investigação, mas agora que falas nisso...

— Sai.

— Saindo. Obrigada, Dallas.

Sozinha, Eve sentou-se mais um minuto com o seu café, pés ao alto. Ela escreveria as suas notas, e, para o seu ficheiro, escreveria uma forte avaliação do trabalho de Peabody relativamente ao caso.

Depois ia para casa, o que fazia com que fosse de facto um bom dia.

Olhou para a sua unidade de pulso e praguejou um pouco. Já estava consideravelmente atrasada. De acordo com as regras do casamento, ela tinha de contactar Roarke, dar-lhe a hora de chegada dela.

Quando se estava a virar para o *link* da secretária, este deu sinal.

— Homicídios. Dallas.

— Tenente. — A senhora Ochi surgiu no ecrã. — Peço desculpa por interromper a vossa noite, mas queria saber se tem... se tem alguma novidade para mim.

— Não faz mal, senhora Ochi. Ia agora mesmo contactá-la. Temo-los aos três. Temos as confissões. Temo-los agora atrás das grades, e o advogado de acusação está confiante de que vai conseguir uma condenação que os manterá lá por muito tempo.

— Apanharam-nos.

— Sim, senhora.

Aqueles ferozes olhos verdes encheram-se de lágrimas antes que a senhora Ochi colocasse as mãos sobre o rosto.

— Obrigada. — Ela começou a soluçar, a balançar-se. — Obrigada.

Eve deixou-a chorar, e quando o filho e a filha da mulher apareceram no ecrã, ladeando-a, abraçando-a, Eve respondeu às suas perguntas.

Quando terminou, a sua mente estava concentrada em completar o trabalho, e não nas regras do casamento. Quando resolveu tudo, saiu, através da sala principal da esquadra, onde Peabody se encontrava debruçada, atenta ao trabalho.

— Até amanhã.

— Sim, chau — murmurou Peabody.

McNab teria de fazer de polícia mau sozinho durante algum tempo, pensou Eve enquanto se preparava para sair, e depois desejou a Deus não ter tido essa ideia. Para piorar a situação, lembrou-se de que não tinha ligado para casa.

— Merda. — Ela pegou no seu *link* de bolso.

— Tenente! — A detetive Carmichael correu atrás dela. — Eu e o Santiago estamos a investigar um cadáver encontrado a boiar. Queria falar consigo sobre alguns dos ângulos.

— Anda e fala, estou de saída.

Ela ouviu, questionou, ponderou, descendo pelos deslizantes em vez do elevador para dar mais tempo à detetive. Pararam num piso, com Carmichael a azoinar-lhe os ouvidos.

— Temos autorização para as horas extraordinárias, para avançar com isto esta noite?

— Eu autorizo. Força.

— Obrigada, tenente.

— Como está a correr contigo e com o novo tipo?

— O Santiago é porreiro. Tem um bom faro. Estamos a ganhar ritmo.

— É bom saber. Boa caça, Carmichael.

Eve apanhou o elevador o resto do caminho até à garagem, pensando no cadáver a boiar de Carmichael, nos ângulos, na autorização das horas extraordinárias.

Arrastou-se pelo trânsito durante algum tempo, fez um pequeno jogo de ser mais esperta que os outros condutores, mudando de rota algumas vezes. Quando se lembrou novamente das regras do casamento, já estava quase a chegar a casa.

Agora já não vale a pena, decidiu. Iria somente... compensar Roarke. Ele teria trabalhado enquanto esperava por ela, pensou Eve, por isso agora podiam ter juntos um jantar agradável. Seria ela própria a programá-lo, um daqueles pratos exigentes e chiques de que ele gostava, e abriria uma garrafa de vinho.

Relaxar, conviver. Talvez ela sugerisse que vissem um daqueles vídeos antigos de que ele gostava. Uma noite muito marital em casa, pensou ela, seguida de algum sexo muito marital.

Sem homicídios, sem confusões, sem trabalho, sem pressão. Só eles os dois. Caraças, talvez ela até conseguisse descobrir uma daquelas roupas sensuais de seduza-o-seu-companheiro, como cereja no topo do bolo.

Ela podia programar alguma música, em modo de romance completo.

Satisfeita com o plano, atravessou os portões da casa. A sua disposição aumentou mais um ou dois pontos ao ver as luzes brilharem nas inúmeras janelas da incrível casa de pedra. Podiam comer lá fora, decidiu, num dos terraços. Ela olhou para cima enquanto conduzia, considerando as torres e os torreões. Talvez o terraço no telhado, com a sua pequena piscina e uma vista deslumbrante sobre a cidade.

Era verdadeiramente perfeito.

Deixou a viatura à porta e, dizendo a si própria que estava demasiado bem-disposta para ser incomodada por Summerset à espreita no átrio, pronto a provocá-la por estar atrasada, entrou a correr.

O átrio encontrava-se vazio, o que a fez hesitar por momentos.

Nada de Summerset?

Não questiones a tua sorte, disse a si própria, e continuou a correr escadas acima.

Entrou primeiro no gabinete de Roarke, surpreendida por não o encontrar lá, a fazer algum negócio, a calcular alguma equação complicada.

Franzindo o sobrolho, virou-se para o monitor da casa.

— Onde está o Roarke? — perguntou.

— *Querida Eve, o Roarke está no terraço, piso principal, traseiras, secção dois.*

— Nós temos secções? Qual é...

— *Localização realçada.*

— Certo. — Ela cerrou os lábios, estudou o mapa da casa e a luz intermitente. — Percebido.

Eve desceu. O que é que ele estava a fazer lá fora?, questionou-se. Talvez a tomar uma bebida com Summerset, o que responderia à outra pergunta.

A falar dos velhos tempos, dos trabalhos feitos, dos saques roubados, dos assaltos bem-sucedidos.

O tipo de coisa que não era... educado lembrar com uma polícia presente.

Era altura de acabar com a nostalgia e...

Ela interrompeu-se subitamente quando saiu. Roarke estava de facto com Summerset, mas não estavam a beber, ou não só, e não se encontravam sozinhos.

Duas pessoas que ela nunca tinha visto na sua vida estavam sentadas com eles numa mesa com uma toalha branca, velas a tremeluzir elegantemente contra a noite de fim de verão, aparentemente a desfrutar de um jantar muito elaborado e requintado.

Os estranhos, um casal que ela julgou ter sessenta e poucos anos, incluíam uma mulher com cabelo cor de moedas de ouro, a emoldurar, de um modo simples e curto, uma face dominada por olhos grandes e redondos, e um homem com uma barbicha aparada que realçava o seu rosto anguloso e, de algum modo, erudito.

Todos se riam ruidosamente.

Ela sentiu os seus ombros retesarem-se enquanto Roarke levantava o seu copo de vinho. Ele parecia descontraído, feliz, com aqueles lábios fortemente esculpidos curvados enquanto ouvia algo que a completa estranha dizia a todo o grupo, com um requintado sotaque britânico.

O farto cabelo escuro de Roarke cintilava à luz das velas, quase até aos ombros do casaco do fato. Ela ouviu-o responder — a riqueza e o calor da Irlanda como rastos de fumo na sua voz.

Então os olhos dele, intensamente azuis, encontraram os dela.

— Ah, a Eve já chegou. — Ele empurrou a cadeira para trás, ergueu-se alto e esguio, e estendeu-lhe a mão. — Querida, vem conhecer a Judith e o Oliver.

Ela não queria conhecer a Judith nem o Oliver. Não queria falar com estranhos com sotaques britânicos requintados, ou que todas as atenções se focassem no facto de ela ter chegado tarde a casa, provavelmente suada e com os joelhos das calças sujos do asfalto por causa da alteração com três idiotas.

Mas dificilmente poderia ficar simplesmente ali parada.

— Olá. Desculpem interromper.

Antes que ela conseguisse pensar em enfiá-la no bolso, Roarke agarrou-lhe na mão e puxou-a mais um passo em direção à mesa.

— Judith e Oliver Waterstone, a minha esposa, Eve Dallas.

— Estávamos tão desejosos por conhecê-la. — Judith lançou-lhe um sorriso, radiante e brilhante como o seu cabelo. — Ouvimos falar tanto de si.

— A Judith e o Oliver são velhos amigos do Summerset. Estão a passar uns dias em Nova Iorque antes de regressarem a Inglaterra.

— Resolve casos de homicídio aqui em Nova Iorque — começou Oliver. — Deve ser um trabalho fascinante e difícil.

— Pode ser as duas coisas.

— Vou colocar mais um lugar na mesa. — Summerset começou a levantar-se, mas Eve abanou a cabeça.

— Não, não se preocupe com isso. Eu tenho de ir tratar de umas coisas. — Pelo que ela conseguia perceber, eles já estavam quase a terminar a refeição, por isso, qual era o objetivo de a incluir na festa? — Só queria que soubessem que já cheguei. Por isso... foi um prazer conhecer-vos. Tenham um bom jantar.

Ela conseguira esgueirar-se para dentro de casa antes de Roarke a apanhar.

— Eve. — Ele agarrou-lhe de novo na mão e, desta vez, puxou-a para um beijo de boas-vindas. — Se estiveres com um caso muito importante, eu posso desculpar-me e vir-me embora.

— Não. — O facto de que ele o faria levou-a a sentir-se mesquinha, e irritada. — Não é nada importante. Só...

— Então vá, vem e come alguma coisa, bebe um pouco de vinho. Vais gostar destas pessoas.

Ela não *queria* gostar destas pessoas. Já tinha mais pessoas na sua vida do que conseguia acompanhar.

— Ouve, foi um dia longo, e ainda por cima estou suja e suada. Eu disse que tinha coisas para tratar, por isso volta para o teu jantarzinho e deixa-me tratar delas.

Ela afastou-se, a irritação a emanar de cada passo. Roarke observou-a.

— Está bem, então — murmurou, e voltou para junto dos seus convidados.

Na Central, Peabody terminou e submeteu o seu relatório, completou o livro de registos de homicídios, e deu-lhe uma palmadinha.

Caso encerrado, pensou ela. Já tinha avisado McNab, dissera-lhe que ia chegar atrasada, por isso tirou uns minutos para organizar o seu posto de trabalho, como gostava de fazer quando tinha tempo.

Enquanto arrumava o seu espaço, Peabody reviu mentalmente as etapas da investigação, bastante satisfeita, e um pouco presunçosa. Até se lembrar dos socos que Lowe tinha acertado, e da crítica de Eve sobre o corpo a corpo.

— Ela também tem razão — admitiu Peabody, esfregando suavemente a orelha dorida. — Definitivamente, preciso de me aperfeiçoar nessa área. — Pensou em trocar a polícia má com McNab pelo treino corpo a corpo.

Mas acabariam somente quentes e suados, e a fazer sexo. O que seria bom, muito bom, mas não se ela estivesse a falar a sério sobre aperfeiçoar-se.

Ela passaria uma hora na área de exercícios, ali mesmo na Central. Estabeleceria um programa que se focasse nos seus pontos fracos, que a ajudasse a melhorá-los. Depois podia tomar um duche, mudar de roupa e estar toda fresca e radiante quando chegasse a casa.

Para ter sexo mesmo muito bom.

Dirigiu-se ao seu cacifo e, depois de enfiar a muda de roupa e o equipamento de treino num saco de desporto, tomou nota para se lembrar de trazer uma nova muda de roupa para substituir a que estava a levar.

Novo acordo, disse a si própria. Uma hora no ginásio todos os dias; certo, isso nunca iria acontecer. Três vezes por semana.

Ela conseguia cumprir três vezes por semana. E não contaria a mais ninguém, ou contava só ao McNab. Depois, talvez dali a um mês, arrebataria Dallas com os seus pés ligeiros e reflexos rápidos como relâmpagos.

Dirigiu-se ao ginásio que servia o seu setor da Central, mas, ainda à entrada, viu meia dúzia de polícias, polícias musculosos, a exercitar, a correr, a lutar.

Pensou no seu equipamento de treino, nos calções largos, no feio sutiã desportivo que tinha comprado porque havia sido barato. Pensou no tamanho do seu rabo. E recuou novamente.

Ela não podia entrar ali, especialmente não com polícias que conhecia, e despir-se daquela maneira, ofegar e suar no meio de todos aqueles corpos tonificados, musculados e ágeis.

E parecer gorda e estúpida.

Essa era a razão, lembrou a si própria, de nunca ter dado uso ao lustroso e reluzente ginásio da Central, ou aderido a um clube de *fitness*. Era a razão de o seu rabo ser demasiado grande, decidiu, e a razão de, seguindo as leis da gravidade, carregar demasiado peso nos seus pés.

Ordenou a si própria que engolisse o sapo, começou a passar o cartão e a entrar, e então lembrou-se do velho ginásio, que estava longe de ser lustroso ou reluzente, dois pisos abaixo.

Ninguém o usava, pensou ela enquanto se apressava a sair. Ou quase ninguém. Porque o equipamento era velho, os cacifos antiquados e o duche mal oferecia uns pinguinhos.

Mas serviria bem para ela e para o seu novo acordo.

Deparou-se com o teclado de segurança desativado e entrou na sala vazia. As luzes tremeluziram quando ela entrou, diminuíram, piscaram novamente e depois mantiveram-se acesas. Havia rumores sobre a reabilitação da área, mas ela esperava que a deixassem como estava. Podia estar deteriorado, mas serviria como o seu ginásio pessoal.

Pelo menos até que ela ficasse musculosa, mais ágil, e reduzisse o volume do seu rabo.

Ela espreitou para a zona dos cacifos, ficou à escuta. Sorriu. Sim, o seu ginásio pessoal, pensou ela, e, escolhendo um cacifo ao acaso, vestiu o seu equipamento feio, que substituiria em breve. Conseguiu enfiar o resto no cacifo do tamanho de uma caixa de pão e, sentindo-se virtuosa, saiu para preparar o seu programa.

Era o primeiro dia de vida da nova magra e malvada Peabody.

Uma hora depois, estava deitada no chão sujo a ofegar como os moribundos. Os músculos da frente e de trás das suas coxas ardiavam, os seus glúteos choravam e os braços não conseguiam parar de gritar pela mãe.

— Nunca mais faço isto — anunciou ela. — Fazes, sim — corrigiu-se. — Não consigo. A morrer. Consigo. Faço. Ajudem-me, acho que parti o rabo. Medricas, piegas. Cala-te.

Ela ofegou um pouco mais, depois rolou para o lado, ficou de gatas.

— Devia ter começado mais devagar, num nível mais baixo. Eu *sabia* disso. Parva convencida. — Cerrou os dentes, determinada a não rastejar até ao balneário e aos duches.

Mas sem dúvida que coxeou.

Descolou, puxou e combateu o sutiã desportivo agarrado ao seu corpo pegajoso, largou-o no chão. Depois, revirando os olhos, porque a voz da mãe lhe chegava claramente aos ouvidos, «Respeita o que te pertence, Dee», dobrou-se e apanhou-o de novo. Enfiou o sutiã transpirado, calções e sapatos num segundo cacifo, agarrou numa das toalhas finas, do tamanho de um individual de mesa, porque tinha medo de ser eletrocutada se se arriscasse a usar o antigo tubo de secagem, e entrou numa das estreitas cabines de duche.

Saiu novamente ao encontrar o dispensador de sabonete vazio e foi andando pelo corredor até encontrar um com cerca de meia colher de chá de gosma verde ainda no dispensador.

Talvez a água estivesse fria, e fosse mais um gotejar de uma torneira a pingar do que um verdadeiro jato, mas ela não se ia queixar. Em vez disso, virou-se para a direita, para a esquerda, para trás e para a frente, até ter conseguido lavar a maior parte do suor.

Quando acabou de se ensaboar e enxaguar, sentiu-se quase humana outra vez e começou a pensar em permitir-se uma extravagância e comprar um gelado a caminho de casa. Não dos verdadeiros, esse tipo de coisa estava fora da sua zona de ostentação. Mas havia um sítio não muito longe do apartamento que tinha uma sobremesa não láctea congelada que era mesmo muito boa.

E ela merecia, pensou, fechando as torneiras. Caramba, ela merecia. Pegou na toalha e esfregou-a pelo cabelo.

Bateu levemente com ela na cara, nos ombros, e começou a sair para um sítio onde tivesse espaço para se secar, quando ouviu as vozes altas. E a porta do balneário bateu.

— Não me digas que não fizeste merda, Garnet, quando de facto fizeste!
— A voz feminina, acesa e irritada, fez eco nos velhos azulejos.

Peabody abriu a boca para avisar quem quer que estivesse lá fora de que tinham companhia, quando ouviu a resposta, e a voz masculina, igualmente acesa e irritada.

— Não me culpes quando foste tu que deixaste isto ficar fora de controlo.

Peabody desceu o olhar para o seu corpo nu, para aquela toalha minúscula, e encolheu-se no canto do fundo do chuveiro.

— Eu é que perdi o controlo? Bem, talvez tenha perdido, ao confiar em ti para lidares com isso, para lidares com o Keener. Em vez disso, ele escapou ao teu controlo e custou-nos dez mil.

— Foste tu que disseste que ele não seria um problema, Renee, foste tu que o pressionaste a entregar o produto quando sabias que ele podia dar de frosques.

— E eu disse-te para lhe dares a volta. Devia ter sido eu a fazê-lo.

— Não discordo.

— Raios.

Alguém, provavelmente a mulher, esmurrou a porta do duche. Peabody ouviu-a bater contra a parede lateral. E parou simplesmente de respirar.

— Estou a gerir esta operação há seis anos. É bom que te lembres disso, Garnet, é bom que te lembres do que pode acontecer se me pressionares.

— Não me ameaces.

— Estou a avisar-te. Eu é que mando e, comigo à frente, tens juntado bastante nos últimos anos. Pensa na tua bela casa nas ilhas, todos os

brinquedos com que gostas de brincar, nas mulheres que gostas de comprar, e lembra-te de que não terias nada disso com o salário de um polícia. Não terias nada disso sem mim a liderar este espetáculo.

— Eu não me esqueço, e não te esqueças tu de que recebes uma fatia maior de cada bolo.

— Eu mereço-a. Trouxe-te para cá e fiz de ti um homem rico. Se quiseres manter-te cá, pensa duas vezes antes de me trazeres para um balneário bolorento para fazeres acusações.

— Ninguém aqui vem. — Outra porta do chuveiro, mais próxima agora, abriu-se com força e Peabody sentiu gotas de suor fresco na testa.

Nua, arma no cacifo. Sem defesa, exceto os punhos. Por isso, cerrou-os ao seu lado.

Se McNab lhe ligasse, se o seu *link* desse sinal, ela estava tramada. Se alguma das pessoas a poucos centímetros da porta a abrisse com irritação, a sentisse, a ouvisse, a cheirasse, ela estaria encurralada, de costas para a parede. Sem escapatória.

Polícias corruptos. Polícias seriamente corruptos. *Renee, Garnet. Não te esqueças, não te esqueças. Keener. Lembra-te de todos os pormenores, só para o caso de sobreviveres.* Olhou de relance para cima e viu com horror o pingo de água a escorrer para fora do chuveiro do tamanho de um punho.

Com a garganta a fechar-se, estendeu devagar a mão, com a palma para cima, e apanhou a pequena gota. Questionou-se se o som da gota de encontro à palma da sua mão seria tão alto como o de um golpe de martelo.

Mas eles continuaram a discutir até que a mulher — *Renee, Renee* — suspirou.

— Isto não nos leva a lado nenhum. Somos uma equipa, Garnet, mas uma equipa tem um líder. Sou eu. Talvez isso seja um problema para ti, talvez seja porque costumávamos dormir juntos.

— Foste tu que acabaste com isso.

— Porque agora trata-se de negócios. Se nos mantivermos na base dos negócios, continuamos a enriquecer. E quando eu chegar a capitã, vamos expandir-nos. Entretanto, não vale a pena discutir sobre o Keener. Eu já tratei do assunto.

— Raios partam, Oberman. Por que raio não disseste logo?

Oberman, pensou Peabody. *Renee Oberman. Tem patente, a tentar chegar a capitã.*

— Porque me chateaste. Pus o nosso rapaz a tratar disso, e está feito.

— Tens a certeza?

— Sabes o quão bom ele é, e eu disse que está tratado. Quando o encontrarem, vai parecer uma *overdose*. Apenas mais um drogado que meteu demasiado p'rá veia. Ninguém se vai importar o suficiente para investigar. Tens sorte de o Keener não ter ido longe e ainda ter os dez mil com ele.

— Estás a brincar comigo.

A gargalhada foi animada, e afiada como aço.

— Eu não brinco com dinheiro. Vou ficar com dez por cento da tua parte como bónus pelo nosso rapaz.

— O raio é que tu...

— Agradece por estares a receber alguma coisa. — As palavras eram duras e admoestadoras. — O Keener era uma ferramenta valiosa quando funcionava bem. Agora temos de o substituir. Entretanto...

Peabody ouviu a leve pancada na porta da cabine, viu-a abrir-se um pouco. O suor congelou na sua pele, e ela cerrou os punhos novamente.

Pela brecha, viu parte de um braço, um relance de saltos altos vermelhos e um vislumbre de cabelo loiro.

— Acabaram-se as reuniões em balneários — disse Renee, agora com um tom descontraído, nítido. A comandar. — Mantém a cabeça fria, Garnet, e continuarás a desfrutar da brisa das ilhas. Agora, tenho um encontro escalante e tu atrasaste-me. Acompanha-me à porta como um bom rapaz.

— Bela peça que me saíste, Renee.

— Sou mesmo. Eu sou uma bela peça. — O riso dela arrastou-se, ecoou, desvaneceu-se.

E Peabody fechou os olhos, ficou onde estava, forçou-se a contar lentamente até cem. Na sua mente reconstruiu o balneário, analisou a distância até ao cacifo onde tinha guardado a arma.

Abriu lentamente a porta, examinou, inspirou fundo e correu para o cacifo. Não soltou o fôlego até ter a arma na mão.

Ainda nua, dirigiu-se à porta que dava acesso ao ginásio e abriu-a uns centímetros.

Escuridão, observou. As luzes apagavam-se quando a sala ficava vazia durante um minuto. Ainda assim, procurou, certificou-se antes de regressar.

Ela manteve a arma na mão enquanto tirava o seu *link*.

— Ei, *She-Body!* — McNab sorriu-lhe, e depois lançou-lhe o seu relance de olhos verdes. — Ei, estás nua, e tão, tão bem feitinha.

— Cala-te. — Os tremores começaram; ela não os conseguia conter. — Preciso que venhas, encontramos-nos na Central. À entrada da porta sul. Vem num táxi, McNab, e não saias dele. Vem rápido.

Ele não sorriu, não a olhou de esguelha. Os seus olhos passaram de amante a polícia.

— O que é que se passa?

— Digo-te depois. Tenho de sair daqui. E depressa.

— Querida, estou praticamente a chegar.